

O PENSAMENTO ECOLÓGICO

Timothy Morton

tradução Renato Prelorentzou

quina



Para Claire

sumário

Introdução: Pensamento crítico •• 11

1. Pensar grande •• 39

2. Pensamentos sombrios •• 93

3. Pensar adiante •• 145

Agradecimentos •• 199

Notas •• 203

Posfácio à edição brasileira •• 237

Índice onomástico •• 249

“O infinito extravasa o pensamento que o pensa”

Emmanuel Levinas, *Totalidade e infinito*

introdução

Pensamento crítico

A crise ecológica que enfrentamos é tão óbvia que se torna fácil – estranha ou assustadoramente fácil, para algumas pessoas – ligar os pontos e ver que tudo está interconectado. Isso é *o pensamento ecológico*. E quanto mais o consideramos, mais o nosso mundo se abre.

Costumamos pensar em ecologia como algo que tem a ver com ciência e política social. Mas, como disse o poeta Percy Shelley em relação aos desenvolvimentos da ciência, “queremos que a faculdade criativa imagine aquilo que já conhecemos”.¹ Ecologia parece algo bem elementar, terreno. Tem a ver com aquecimento global, reciclagem e energia solar, com as relações cotidianas entre humanos e não humanos. Às vezes associamos ecologia a crenças apaixonadas que, com frequência, são explicitamente religiosas: *Animal Liberation Front* ou ainda *Earth First!* Na medida em que ainda não temos um mundo verdadeiramente ecológico, a religião grita, protestando alto e com voz verde.² Mas como seria uma sociedade ecológica? O que pensaria uma mentalidade ecológica? Que tipos de arte apreciaria uma pessoa de mentalidade ecológica? Todas essas perguntas têm uma coisa em comum: *o pensamento ecológico*.

Como demonstrou o sucesso de *Wall-E*, obra-prima da Pixar (2008), a questão está na cabeça de todo mundo: o que é uma consciência ecológica?³ Como reiniciar a Espaçoave Terra com as peças que temos nas mãos? Como deixar para trás a melancolia de um planeta envenenado? *Wall-E* começa em um futuro centenas de anos distante, com a cena deprimente de um robzinho compactador de lixo empilhando torres de detritos humanos da altura de arranha-céus. Algo está errado com o software “dele”, algo que se manifesta por uma obsessão de coleta. Parece que ele está procurando algum indício de humanidade entre os cubos de Rubik, o vídeo de *Hello Dolly*, a plantinha no vaso de flores. *Wall-E* mostra alegremente que esse software “danificado”, a desordem mental do robzinho, é o código viral que reinicia a Terra: dessa vez, evoluí-

mos a partir de memes, não de genes. Mas essa compulsão obsessiva, parecida com o sintoma de um luto (pelo menos de onde estamos, na sala de cinema, espectadores da ruína futura), não seria exatamente igual à nossa situação agora? Como devemos começar? Para onde vamos? Não seria esse o som de algo nos chamando de dentro desse luto – o som do pensamento ecológico?

O pensamento ecológico é um vírus que infecta todas as outras áreas do pensamento (ainda que a ideologia ambiental evite os vírus e a virulência). Este livro demonstra que a ecologia não tem a ver somente com aquecimento global, reciclagem e energia solar – nem apenas com as relações cotidianas entre humanos e não humanos. Tem a ver com amor, perda, desespero e compaixão. Tem a ver com depressão e psicose. Com o capitalismo e com o que pode existir depois do capitalismo. Tem a ver com espanto, mente aberta e maravilhamento. Com dúvida, confusão e ceticismo. Com conceitos de espaço e tempo. Com deleite, beleza, feiura, nojo, ironia e dor. Consciência e percepção. Ideologia e crítica. Leitura e escrita. Tem a ver com raça, classe e gênero. Com sexualidade. Com ideias sobre o eu e os estranhos paradoxos da subjetividade. Tem a ver com a sociedade. Tem a ver com coexistência.

Como a sombra de uma ideia que ainda não foi totalmente pensada, uma sombra do futuro (outra expressão maravilhosa de Shelley), o pensamento ecológico se insinua a outras ideias até que não reste nenhum lugar intocado por sua presença sombria.⁴ Darwin confiava tanto na teoria da impermanência evolutiva que estava disposto a suspender sua descrença na permanência continental, mesmo que na sua época ainda não houvesse surgido a teoria das placas tectônicas.⁵ Tal é a força do pensamento ecológico. Como disse um filósofo (veja a epígrafe deste livro), “o infinito extravasa o pensamento que o pensa”⁶

Você pode considerar *O pensamento ecológico* como a base do meu livro anterior, como a prequela de *Ecology without Nature* [Ecologia sem natureza]. O que será que eu devia estar pensando

quando me dei conta de que, para haver “ecologia”, precisamos nos livrar da “natureza”? Não dá para fazer uma prequela antes de ter feito o filme “original”. Em sentido estrito, o pensamento ecológico vem rigorosamente depois – está sempre por vir, em algum lugar no futuro. Em seu escopo mais amplo, *terá sido pensado* em algum ponto indefinido do futuro. Você é atingido pela força de seu raio trator (é como um “atrator” matemático). Com certeza, você estava pensando nele desde sempre. Mas não era sua intenção. Você não fazia ideia. O pensamento ecológico vem se esgueirando do futuro, uma imagem do que já devia estar lá para que uma “ecologia sem natureza” fizesse sentido.

Feito arqueólogos do futuro, precisamos juntar as peças do que terá sido pensado. No fim das contas, o pensamento ecológico ultrapassa o que se passa por ambientalismo. Pensa diferente das grandes e pequenas manipulações. Vai além de pensar “quantos seres vivos precisamos matar para sobrevivermos ao próximo inverno?”. Vai além do “Tudo o que é, é certo”.⁸ Vai além do “*Let it be, let it be*”, da canção dos Beatles, desse deixe estar, deixe estar.⁹ Vai além do eu, da Natureza e das espécies. Vai além da sobrevivência, do Ser, do destino e da essência. E, no entanto, como um vírus, como o mais ínfimo dos mais ínfimos (será que de fato estão vivos?), como as minúsculas macromoléculas em nossas células, em nosso próprio DNA, o pensamento ecológico estava lá desde sempre.

Por que “ecologia sem natureza”? “Natureza” não consegue servir bem à ecologia. Às vezes, uso o *N* maiúsculo para destacar suas qualidades “não naturais”, a saber (mas não somente), hierarquia, autoridade, harmonia, pureza, neutralidade e mistério. A ecologia pode dispensar o conceito de uma coisa qualquer, uma coisa de algum tipo, “lá longe”, chamada Natureza. Ainda assim, o pensamento, até mesmo o pensamento ecológico, configurou a “Natureza” como uma coisa reificada, sempre à distância, debaixo da calçada, do outro lado, lá onde a grama sempre é mais verde, de

preferência nas montanhas, numa paisagem selvagem. Uma das coisas que a sociedade moderna estragou, junto com os ecossistemas e as espécies e o clima global, foi o pensamento. Feito uma barragem, a Natureza conteve o pensamento por um tanto, mas, na atual situação histórica, o pensamento está prestes a transbordar.

O pensamento ecológico pode ser bem diferente de nossas hipóteses a seu respeito. Ele não tem a ver apenas com as ciências da ecologia. O pensamento ecológico tem a ver com arte, filosofia, literatura, música e cultura. O pensamento ecológico tem tanto a ver com a ala de humanidades das universidades modernas quanto com as ciências – e também tem a ver com fábricas, transporte, arquitetura e economia. A ecologia abarca todas as maneiras pelas quais imaginamos como vivermos juntos. A ecologia é profundamente ligada à coexistência. Existência é sempre coexistência. Nenhum homem é uma ilha.¹⁰ Os seres humanos precisam uns dos outros tanto quanto precisam de um ambiente. Os seres humanos *são* o ambiente uns dos outros. Pensar ecologicamente não é pensar sobre coisas não humanas. A ecologia tem a ver com você e comigo.

Por que chamar este livro de *O pensamento ecológico*? Por que não *Um pensamento ecológico* ou *Alguns pensamentos ecológicos*? Ou, mais modestamente, *Notas para um pensamento ecológico*? Ou só *Pensamento ecológico*? Claro que existem pensamentos ecológicos, no plural. E este livro não tem o monopólio sobre o pensamento ecológico. Mas há um tipo particular de pensamento que chamo de *o* pensamento ecológico. Ele passa como uma fita de código de DNA por milhares de outros tipos de pensamentos. Além disso, a *forma* do pensamento ecológico é pelo menos tão importante quanto seu *conteúdo*. Não é simplesmente uma questão sobre o *que* você está pensando. É também uma questão sobre *como* você pensa. Quando você começa a pensar o pensamento ecológico, não consegue mais des-pensar [*unthink*]; é um esfíncter: uma vez aberto, não fecha mais.

O tamanho do estrago

As estruturas econômicas modernas afetaram o meio ambiente de maneira drástica. Mas tiveram um efeito igualmente nefasto sobre o próprio pensamento. Não quero dizer que antes pensávamos de modo ecológico e correto. O pensamento ecológico não estava disponível a humanos não modernos em toda sua riqueza e profundidade. Mesmo agora, às vésperas – na verdade, depois das vésperas – do desastre climático, mal conseguimos vislumbrar sua magnitude e profundidade. A era moderna nos obriga a pensar grande, para usar as palavras do Capítulo 1. Qualquer pensamento que evite essa “totalidade” faz parte do problema. Portanto temos de encará-la. Algo na vida moderna nos impediu de pensar a “totalidade” de maneira tão grande quanto poderíamos. Agora não conseguimos fazer outra coisa senão pensá-la. A totalidade se assoma como a sombra de um arranha-céu gigante naquele mais leve pensamento sobre, digamos, a possibilidade de fazer sol ou chover hoje à tarde. Talvez precisemos pensar com uma grandeza superior à totalidade em si, caso a totalidade signifique algo fechado, algo do qual podemos ter certeza, que permanece sempre igual. Pode ser mais difícil imaginar 4,5 bilhões de anos do que a eternidade abstrata. Mais difícil imaginar a evolução do que a infinitude abstrata. É um pouco humilhante. Esse infinito “concreto” nos confronta diretamente com a realidade da vida na Terra. Encará-la é uma das tarefas profundas a que nos convoca o pensamento ecológico.

Até agora nós entendemos errado – essa é a verdade sobre a catástrofe climática e a extinção em massa. Não defendo a volta a um pensamento pré-moderno. O pensamento ecológico é moderno. O paradoxo é que a era moderna – digamos que tenha começado por volta do final do século 18 – barrou seu próprio acesso ao pensamento ecológico, mesmo que o pensamento ecológico venha a ser um de seus legados duradouros. No que diz respeito à ecologia, a modernidade passou os últi-

mos dois séculos e meio atacando moinhos de vento. O fantasma da “Natureza”, uma entidade nova, vestida como relíquia de uma época passada, assombrou a modernidade na qual ela nasceu.¹¹ Essa Natureza fantasmagórica inibiu a ascensão do pensamento ecológico. Só agora, quando o capitalismo e o consumismo contemporâneos cobrem toda a Terra e se entranham em suas formas de vida, é possível, irônica e finalmente, deixar para trás esse fantasma inexistente. O exorcismo faz bem, e os seres humanos já passaram do ponto em que a Natureza podia ajudar. A continuidade de nossa sobrevivência – e, portanto, a sobrevivência do planeta que, sem a menor dúvida, hoje dominamos – depende do fato de pensarmos para além da Natureza.

Os pensadores modernos tinham dado por certo que o fantasma da Natureza, sacudindo suas correntes, os faria lembrar de um tempo sem indústria, um tempo sem “tecnologia”, como se nunca tivéssemos usado trigo ou sílex. Mas, ao olhar para o fantasma da Natureza, os humanos modernos estavam olhando num espelho. Na Natureza eles enxergavam a imagem refletida e invertida de sua própria época – e a grama do vizinho é sempre mais verde. A Natureza sempre esteve “lá longe”, alheia e alienada.¹² Assim como um reflexo, nunca podemos alcançá-la, tocá-la e pertencer a ela. A Natureza era uma imagem ideal, uma forma independente e suspensa ao longe, nua e cintilante atrás do vidro, como um quadro caro. Na ideia de uma paisagem selvagem intocada, podemos decifrar a imagem-espelho da propriedade privada: NÃO PISE NA GRAMA, NÃO TOQUE, NÃO ESTÁ À VENDA. A Natureza era um tipo especial de propriedade privada: sem dono, exibida numa galeria de arte construída especialmente para ela. A galeria era a própria Natureza, revelada pela tecnologia visual do século 18 como “pitoresca” – ou seja, algo que se parece com uma pintura.¹³ A versão “nova e aprimorada” é arte sem objeto, apenas uma aura: o brilho do valor.¹⁴ A Natureza não é o que afirma ser.

Dentro do tema da Natureza e das atualizações “novas e aprimoradas”, este livro faz uma distinção rigorosa entre *ambientalismo* e *ecologia*. Ao final, você talvez sinta que há bons motivos para defender não apenas a ecologia sem natureza, mas também a *ecologia sem ambientalismo*.

Em *Reflections on the Edge of Askja* [Reflexões à beira de Askja], Páll Skúlason nos diz por que precisamos da Natureza:

Para viver, para poder existir, a mente precisa se conectar com algum tipo de ordem. Precisa apreender a realidade como um todo independente [...] e precisa se vincular de maneira estável a certas características do que chamamos de realidade. Ela não conseguirá se vincular ao mundo comum da experiência cotidiana se não tiver fé de que a realidade forma um todo objetivo, um todo que existe independente da mente. A mente vive – e nós vivemos – em uma relação de fé com a realidade em si. Essa relação é também de confiança em uma realidade destacada, uma realidade outra, diferente da mente. Vivemos e existimos nessa relação de confiança, que por sua natureza é sempre incerta e insegura. [Essa] relação de confiança [...] sempre é, original e verdadeiramente, uma relação com a realidade como uma totalidade natural: como Natureza.¹⁵

Não é difícil detectar nessa passagem os gestos violentos e repetitivos de alguém desesperado para consertar uma máquina com defeito. Skúlason gira manivelas, confere os cabos de energia, tenta fazer a coisa pegar no tranco... Não é só o que ele diz, nem mesmo como ele diz. É a postura com que o diz: a “posição de sujeito”. Pelo tom de esperança e medo, dá para sentir que o jogo acabou e que ele sabe disso. Ele está se entregando ao pensamento mágico: “Se eu continuar falando essas coisas do jeito certo, vai ficar tudo bem.

A Natureza vai existir”. O desespero fica legível na enorme quantidade de coisa escrita. Ela não para nunca, à espera de algo que nunca vem. É a escrita da Natureza reduzida a *Esperando Godot*: “Preciso continuar. Posso trazer a Natureza à existência por obra de minha vontade, incluí-la no roteiro”. Skúlason tenta nos animar no meio do desastre em câmera lenta que estamos enfrentando. Quanto mais ele fala, pior fica.

Em nome da ecologia, precisamos examinar a Natureza com todas as suspeitas que uma pessoa moderna possa ter. Que o comprador fique atento. A Natureza acabou se tornando uma imitação de plástico da coisa de verdade. Como Emmanuel Levinas diz numa passagem surpreendente – que é, entre outras coisas, uma crítica apaixonada ao filósofo favorito da ecologia profunda, Martin Heidegger –, nossos conceitos de “natureza [...], mãe generosa sem rosto” se fundam em sociedades agrícolas “sedentárias” e sua ideia de “posse”. O mito da mãe sem rosto fornece o motivo para nossa exploração da Terra, vista como “matéria inesgotável das coisas”.¹⁶ As áreas ermas, selvagens, são versões gigantes e abstratas dos produtos que estão dispostos nas vitrines dos shoppings. Mesmo quando tentamos preservar um enclave seguro contra as devastações da era moderna, estamos entendendo tudo errado, em um nível mais profundo.

Será que conseguimos superar esse nosso vício em posse e o mito da mãe sem rosto? O que é a coisa real? Podemos ter alguma noção dela, com certeza, ainda que ela atualize nossas próprias ideias de “coisa” e de “real”. A ecologia nos mostra que todos os seres estão conectados. O *pensamento ecológico* é o pensamento da interconectividade. O pensamento ecológico é um pensamento sobre ecologia, mas também um pensamento que é ecológico. Pensar o pensamento ecológico faz parte de um projeto ecológico. O pensamento ecológico não acontece apenas “na cabeça”. É uma prática e um processo de tornar-se plenamente consciente da maneira como os seres humanos estão conectados com outros